

Depoimento de Maria de Jesus Dias Reis

Entrevistadores: Caroline C. Rodrigues, Marina Camisasca, Thiago Lenine.

Local: Verdelândia (MG)

Data: 6 de junho de 2017

ENTREVISTADORA: Então a gente gostaria de ouvir da senhora a sua perspectiva da história.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Essa história deixou a gente muito confuso, né.

ENTREVISTADORA: Uhum.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Porque coisa ruim a gente até não grava não.

ENTREVISTADORA: Uhum.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Porque não dá para gravar, como eu disse. Se fosse gravar, se a gente tivesse, se fosse, assim, uma pessoa, e a gente, naquela época, tivesse um gravador para a gente gravar...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Filmar, né.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Filmar as coisas, era outra história. Mas como o povo era tão simples, que só aguentou o sofrimento e ninguém gravou, e os que poderiam falar já se foram. Tem nós que fala por metade, não é uma coisa, assim, como foi acontecendo, mas a gente conta assim, por metade.

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Por alto, né?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Por alto.

ENTREVISTADORA: O que aconteceu com a senhora?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Comigo não aconteceu e aconteceu, porque o meu marido veio de Porteirinha e ele, e meu pai também, o pai dele veio de Janaúba, nós moramos um pouco em Janaúba e acabamos vindo para aqui, compramos uma terra aqui. Compramos uma terra não...

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A posse, né.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Tiramos uma terra... É. Devoluta, diz que era devoluta, era do Estado, que podia todo mundo, e era mata virgem, mata bruta, precisa de ver. Então entrou o povo trabalhando com um senhor chamado Coronel- **Georgino Luizinho**, ele era dono do Batalhão de Montes Claros, então ele juntou mais os fazendeiros uma espécie de terra aí e botou o povo para correr, todo mundo, e eles saíram. Nós mesmos perdeu, hoje eu não sei como é que a gente passou, Deus dá a vida por egresso, a gente passou só Deus sabe. Uma vida muito difícil de a

gente vencer. Agora mesmo, o meu marido tinha uns parentes aqui, também já se foram, em uma fazenda aqui detrás da serra que levou eles com um pouco de gado, o resto eles comeram, ninguém sabe o que virou. Cavalo, gado, desapareceu aí, galinha, o meu sogro mesmo.

GENILDO ENTREVISTADOR: Então além de expulsar, ele ainda apossou de parte das coisas ~~pasto~~ de vocês?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Eles... É, porque não deu conta de tirar, eles falou que não podia tirar, porque era para pagar a invasão da terra.

CAROLINE ENTREVISTADORA: Pagar a invasão da terra?

MARINA: Vocês tinham que pagar aquela terra que vocês estavam saindo?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Da terra que estava usando, desfrutando. Nós mesmo, na época eu estava grávida e adoeci, o meu marido não quis me contar e eu na cama, não sabia de nada, estava inocente, e ele que nem um louco para acudir em casa o meu estado de saúde e também para ajudar o pai dele, porque o pai dele tinha mais coisas, o dele era pouco. Mas também ele perdeu pareia de boi, perdeu vaca parida, que ficou aí e eles comeram tudo, ninguém sabe disso, se comeram ou o que fizeram. Sabeé que ficou lá e ele disse que não era para entrar, botou logo um bocado de jagunços para poder vigiar as terra, e na época o povo era simples demais... Lutou, eles lutaram, um bocado correu para Brasília pedir socorro, arranjar advogado para ver se... Mas já foi tarde, sei que todo mundo perdeu. O meu sogro foi parar logo em uma grota, não, foi parar em cima de uma serra, com um pouco dos trens que ele tinha, mas o gado dele ficou um pouco nessa fazenda desse parente dele e nós fomos para lá, nós fomos morar em uma casa que era aquelas de sapé, né, que eles fala sapé, que é de barro, que bate o barro e faz... Nós fomos morar, só tinha pulga e percevejo. Oh, meu Deus, a gente sofreu demais lá. Deus do céu, a gente não grava o que a gente passou.

CAROLINE ENTREVISTADORA: E depois do despejo?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Depois A hora do despejo, aí o povo foi voltando. Assim, comprando quem podia, vendeu o gado que tinha, porque não tinha pasto, o que restou, que nem nós mesmo o que restou, comprou essa casinha aqui, ficou nela e está até hoje.

MARINA ENTREVISTADORA: Quantos anos que a senhora tinha?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ham?

MARINA ENTREVISTADORA: Quantos anos que a senhora tinha, a senhora lembra?

MARIA DE JESUS DIAS REIS ENTREVISTADORA: Na época eu não lembro, não, mas devia ter nessa faixa. Eu casei com 24 anos... Parece que eu já tava com 26, 27 anos, por aí.

MARINA ENTREVISTADORA: Já tinha outros filhos?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não, foram os primeiros filhos meus quando aconteceu isso. Isso foi em 62 que aconteceu isso, eu acho que foi. Eu casei em 64, eu casei com 24 anos, eu estava nessa faixa aí. E vem essa história, de vez em quando aparece pessoas querendo saber a história de Verdelândia. E muitos às vezes... Essa semana mesmo que eu passei, só os meninos da escola querendo saber a origem daqui, como foi. Eu falei: "sou migrante, eu cheguei a ser", igual a ~~história senhora~~ da igreja mesmo, que eles têm vontade de saber. Eu falei: "ah, aí é meio complicado. O padre falava que aqui tem 100 anos de descoberto". Eles falavam. Então com isso ele também ~~foi como~~ um batalhador, o Padre José batalhou muito para vencer essas dificuldades, porque na época que nós chegamos aqui, nós chegamos aqui em 60, era uma maleita, eles falavam maleita, que hoje fala que é dengue, né, ~~hoje talvez~~ mudou a história, fala que é dengue, mas era maleita, a gente tremia, sentia frio, mal-estar, corpo doendo. Então ele que socorria, trazia um tal de ararema, um tal de caboclinho para dar ao povo para tomar, esse padre.

CAROLINE ENTREVISTADORA: Era o vigário de Varzelândia?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Era o vigário de Varzelândia.

MARINA ENTREVISTADORA: O Padre José, né?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Padre José.

ROBSON INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Boa tarde.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Boa tarde.

ROBSON INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É boa tarde, né?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É boa tarde, eu não sei...

MARINA ENTREVISTADORA: Ele também trabalha com a gente.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É? Então, seja bem-vindo, vamos entrar.

ROBSON INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Vocês estão gravando. É porque a gente está indo almoçar. Nós vamos almoçar agora no posto.

MARINA ENTREVISTADORA: Pode ir, depois a gente vai.

GENILDO ENTREVISTADOR: Deixa eu perguntar a senhora. Daquele pessoal da época da senhora, tem o Senhor Jad ~~écco~~, que não está mais com a gente, Senhor Sula.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Pois é, não está.

GENILDO ENTREVISTADOR: Dona Maria de Senhor Sula também não está mais. Quem é daquela época da senhora que é remanescente daquela época que está vivo ainda hoje?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ah, aí é meio complicado, sabe?

GENILDOENTREVISTADOR: Aqui tem umae Jesuína de Moura, é aquela que mora ali, mulher de Moura?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não, é essa mulher é do seu Galista.

GENILDOENTREVISTADOR: É a mulher do seu Galista?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É, Galista.

GENILDOENTREVISTADOR: Ah, tá bom. Ela também é da mesma época?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É isso, ela participou do despejo.

THIAGOENTREVISTADOR: Quando teve esse despejo, a senhora lembra de alguém que ficou mais ferido, alguém que morreu, alguém que ficou desaparecido, quem que morreu a senhora lembra?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ah...

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Olha, eu não sei, porque eles pegaram o 10º Batalhões de Montes Claros e jogou aqui para amedrontar o povo. O povo simples, uns correram, que nem o meu pai, o meu sogro, o finado Lírio, Martquinho Fagundes... Qual era o outro? Ainda tem um vivo na Jaíba.

GENILDOENTREVISTADOR: Otino Altino de Freitas, a senhora lembra dele?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Eu lembro.

GENILDOENTREVISTADOR: Ele foi morto aqui no despejo, o Otino Altino de Freitas?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não.

GENILDOENTREVISTADOR: Não foi no despejo, não?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não, não.

MARINAENTREVISTADORA: Martinho Otino de Freitas já era o coronel, né?

GENILDOINTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não. O coronel é Coronel Georgino de Souza.

GENILDOINTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Georgino Jorge de Souza. Esse Otino Altino de Freitas, eu conheci a família, eu conheço a família dele em Jaíba.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É isso, ele mudou para lá. Dessa carreira...

GENILDOINTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu conheci a família dele, ele eu não conheci, mas ele foi morto nessa época, não foi?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não.

~~GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~: Não foi no despejo que ele foi morto?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não, não, não. Ele caiu fora antes disso. Quem salvou, salvou, quem morreu foi o finado Amâncio, que a polícia matou.

~~MARINA ENTREVISTADORA~~: O nome dele a senhora lembra, o nome completo, Amâncio?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Amâncio, eu não sei não, porque era tudo migrante, né. Ele morava em uma avenida que chama Sete de Setembro. Mataram ele dentro de casa.

~~MARINA ENTREVISTADORA~~: Dentro de casa?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Dentro de casa.

~~GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~: Vocês estão falando aí, esse Otino Altino de Freitas...

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ah, lá, o de Jaíba?

~~GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~: O de Jaíba.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Tem o nome de OAtinolândia por causa do nome dele.

~~GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~: Por causa dele. Entendeu? Jaíba antigamente chamava OAtinolândia.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É isso.

~~GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~: Eu lembro assim, porque quando nós chegamos para aqui, o meu pai chegou aqui em 75, aqui na comunidade rural Abargoso, aqui bem próximo. Quando foi em 78 o meu pai comprou uma casa na Jaíba para nós estudar e eu morei na frente da casa desse Otino Altino, só que ele já não era mais vivo. Ele já tinha morrido nesta época.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ele era farmacêutico.

~~GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~: Só que eu conheci a família dele, a esposa dele eu conheço, a dona...

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ainda é viva?

~~GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~: Acho que é viva ainda. Acho que ela mora hoje em Janaúba, se eu não estiver enganado, a mulher do Senhor OAitino. Que é uma pessoa também que eu acho que conhece a história.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ela pode contar a história também, se achar ela viva.

~~THIAGO ENTREVISTADOR~~: Mas a senhora recorda do Amâncio que faleceu também, quem mais que vocês !recordaembram?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Oh, moço, eu olho e nem dou conta de falar.

THIAGA ENTREVISTADOR: A senhora lembra de ter mais histórias de gente que morreu?

MARINA ENTREVISTADORA: Porque era muita gente?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Era muita gente, ué. Aí era tomado de gente de fora a fora, ele começava aqui da rua. Era gente e todo mundo tinha o seu pedacinho de chão e todo mundo vivia de pesca, porque aqui não tem outra coisa.

MARINA ENTREVISTADORA: Era só pesca?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Era só pesca e mesmo a roça, né. Chovia bastante, dava muita coisa.

MARINA ENTREVISTADORA: A terra era boa?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: A terra era boa. Era não, é boa.

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Essa Dona Jesuína, ela mora aqui na frente?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É, Dona Jesuína de Calisto. O senhor sabe quem é? Se ela estiver aí...

CAROLINE ENTREVISTADORA: E o Amâncio, ele morreu mais ou menos década de 70, 60?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ah, ele deve ter morrido... Não sei mais ou menos, eu soube, eu deveria saber e às vezes Dona- Zuína Jesuína, essa dona que ele está- querendo devendo, ela estava aí ontem, hoje ela não está, não, deve saber mais ou menos.

THIAGO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O pessoal não ficava conversando desse acontecido, não, a senhora não ouvia falar muita coisa, não, depois que aconteceu o despejo, o pessoal...

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ah, veio advogado, veio um tal de...

CAROLINE ENTREVISTADORA: Petrônio?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ele mora em Belo Horizonte, esse moço.

CAROLINE ENTREVISTADORA: Petrônio Braz?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ah, eu não sei mais, não. Alguém deve saber, porque na época eu estava... Quando ele morreu o povo assustou, já enviesava com o povo esguaritado, saíram correndo, largaram as terras, não voltaram, tinha uma dona também que ela deveria contar também, que ela morreu agora recente, ela morreu agora na semana santa.

CAROLINE ENTREVISTADORA: Aí, gente, qual o nome dela?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É Mariquinha.

CAROLINE ENTREVISTADORA: Dona Mariquinha?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É, Dona Mariquinha. Ela mora na roça, ela só deixou neto e alguns filhos, mas os filhos já uns moravam em Uberlândia, sei lá. Eu sei que é uma história meia ruim de resumir, que os que estivessem vivos saberiam, que nem Suila mesmo sabia.

GENILDOINTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Suila e do-seu Jadvé.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Sabia. Quem morreu, quem não morreu, quantos morreu. Morreu muita gente, eu sei que morreu muita gente.

MARINAENTREVISTADORA: A senhora se recorda o nome de mais alguém além do Amâncio?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não, não recordo, não.

GENILDOENTREVISTADOR: Desse pessoal que está hoje na Caitité, tem alguém que estava na época que a senhora se lembra o nome de algum deles?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Tem, tem.

GENILDOENTREVISTADOR: Quem, por exemplo? Pedro Balbino Albim-estava na época?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Estava.

GENILDOINTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pedro Balbino Albim-estava.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Morava aqui, tinha um racho.

GENILDOENTREVISTADORA: Pedro.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Pode ir lá que vocês vão buscar alguma coisa.

GENILDOENTREVISTADOR: Eles sabem muita coisa.?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É. Sabe de verdade ou de mentira, porque o povo tem a mania também de aumentar, né, aí vem eu e só falo o que eu sei, o que eu não sei eu não falo.

GENILDOINTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele é ruim de taco?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ele é, ele é capeta. A Dona Zuína Jesuína-também não é fraca, não.

GENILDOINTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É?

MARINAENTREVISTADORA: E tinha alguém além desse advogado que ajudava vocês?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ham?

ENTREVISTADORMARINA: Alguém além do advogado?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não.

MARINAENTREVISTADORA: O advogado veio ajudar...

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ele ajudou com a... Pelejando para voltar de novo para a terra, com o passar dos tempos eles adquiriram essa terra aí, a Cicaque, né, para 32 posseiros, eu não sei se tem 32, os 32 são lá. Eu sei que tem muito migrante lá que enfiou no meio, entendeu?

GENILDO ENTREVISTADOR: Deixa eu só perguntar uma coisa para a senhora...

MARINA ENTREVISTADORA: Que não era da época, né.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Que não era da época?

GENILDO ENTREVISTADOR: O pessoal da Boa Sorte, os Lalau, eles já existiam naquela época?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ah, tem. Oche! A terra é deles.

GENILDO ENTREVISTADOR: A terra deles não foi despejada ou foi?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Foi tomada.

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: ~~A comunidade quilombola. A turma dos quilombolas.~~

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Eram eles, os quilombolas. Você pode ir atrás ~~doe~~ Carolin~~oe~~.

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Adão Lalau.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Adão Lalau, isso pode contar a verdade melhor do que eu. A história é longa, filha, ~~só sei e você~~ muito me ouvir.

CAROLINE ENTREVISTADORA: E a gente está aqui para ouvir mesmo.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Pois então vocês vão ouvir. Porque no vocês andar, e vocês vão saber, porque tem pessoas mais velhas do que eu que vai passando para vocês, entendeu? Eu, por exemplo, não sei quase nada, porque na época eu adoeci e eles não quis me contar, porque eu estava de resguardo, eles não quis falar para mim.

CAROLINE ENTREVISTADORA: E naquela época a senhora se lembra se tinha um líder além do Martin~~ho~~ Fagundes, outros líderes que ajudaram depois?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Tinha.

CAROLINE ENTREVISTADORA: Além do Jad~~er~~ de Paul~~ae~~, Ursulino Sulino.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Tinha a Jad~~er~~, tinha o Martin~~ho~~ Fagundes e tinha Bruno.

CAROLINE ENTREVISTADORA: Bruno?

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Esse Bruno tá na Jaíba.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Tá na Jaíba.

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu conheço o Bruno.

CAROLINE ENTREVISTADORA: Bruno, Jaíba.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É.

MARINA ENTREVISTADORA: O sobrenome alguém lembra?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Eu acho que é Dur~~ães~~ anhos.

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu tenho a ficha dele.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É Duranhães, né.

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu não lembro, eu conheço o Bruno.

CAROLINE ENTREVISTADORA: Bruno, e o outro?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Bruno... Esse aí já morreu antes de tudo, acho que ele sofreu até...

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Carolino não estava na época?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não, está aí, ué...

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, eu estou falando aquele Carolino, um da Jaíba, um moreno também. Esse não estava na época, não.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ah, eu não sei, era muita gente naquela época.

CAROLINE ENTREVISTADORA: Uhum.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Entendeu?

CAROLINE ENTREVISTADORA: Mas de líder, líder tinha o Bruno então, o Jader, quem mais?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Tinha o Emídio.

CAROLINE ENTREVISTADORA: Emílio?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Um senhor Emídio.

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Emídio era o pai do Batista ali?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não.

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O pai do Senhor Wilson...

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não, ele é pai, eu não sei se você conhece, de... Eu não sei onde é que eles estão morando. Eu sei que um bocado mora em Montes Claros, igual eu tô. Lídio mora em Belo Horizonte, eu acho que o Lília mora em Montes Claros, se não me engano, se não mudou de lá, e a mulher dele, do Senhor Emídio desapareceu também.

GENILDO ENTREVISTADOR: Essa fazenda, ela era de quem na época?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Essa fazenda, ela é grilada, né.

GENILDO ENTREVISTADOR: Certo. Mas quem é que mexia com ela?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Era o coronel.

GENILDO ENTREVISTADOR: O coronel. Era terra devoluta do Estado?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Do Estado.

GENILDO ENTREVISTADOR: Aí chegaram e invadiram?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Invadiram, botou para fora para tomar conta, que são os bacanas da frente, era o coronel, hoje o Soares, que é o do banco, deixa eu ver se eu lembro de mais

outro... O pai do José Ditite, o Senhor ~~finado Tite~~ Ditite. E quem mais? Eu não estou lembrando. Eu sei que era uma porção, né. Então, eles englobaram e o coronel enfrentou o meio para ganhar terra, - como o senhor sabe disso, que eles batalharam, esse advogado. O Luiz, Luizinho, agora eu esqueci o sobrenome dele...

THIAGO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Luiz Chaves.

MARINA ENTREVISTADORA: Luiz Chaves?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Luiz Chaves.

GENILDO ENTREVISTADOR: O senhor Do Borges aqui era da época aqui da senhora?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não, não...

GENILDO ENTREVISTADOR: Veio depois, né?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Esses, aí são migrantes...

CAROLINE ENTREVISTADORA: Mas, aqui, até então na década de 80 vocês não tiveram nenhum advogado, outra pessoa que ajudou?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não, não, daí para cá o Luizinho, acho largou... Depois que saiu esse...

CAROLINE ENTREVISTADORA: Não, mas antes do Luiz Chaves, tinha alguém ou alguma organização da igreja?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Eu acho que sim, um tal de Manoel da Conceição, mas não sei se é de Belo Horizonte ou de onde que é. Isso eu não posso afirmar nada, mas aí vocês vão conversar por aí, se vocês vão andar. Que esses tempos veio um aqui, disse que ia fazer um apanhamento aqui, o Senhor Sula ainda era vivo. Veio, andou por essas ruínas aí, um bocado de gente, ele andou por aí, eles queriam jogar no jornal, para passar no jornal para todo mundo ler a história de Cachoeirinhas. Mas eu não sei o que virou isso, eu não vejo televisão e não vi nada.

CAROLINE ENTREVISTADORA: Mas que jornal que procurou a senhora?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não sei, um jornalista aí. Veio aí uma pessoa. Fez um apanhado aí...

THIAGO: Deve ser aquele jornalista lá, não é Léo o nome dele?

CAROLINE ENTREVISTADORA: Isso foi mais ou menos no ano passado?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ham?

CAROLINE ENTREVISTADORA: No ano passado?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Eu acho que foi no ano atrasado. No ano passado as coisas já estava... Senhor Sula já estava são.

MARINA ENTREVISTADORA: Hum. E a senhora falou que lá ficaram 32 famílias, né?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É, foi loteado para as 32 famílias.

MARINA ENTREVISTADORA: Quer dizer, não era um número de famílias que estava antes?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não, não era, não. Disse que ia comprar mais fazendas para botar o restante.

MARINA ENTREVISTADORA: O resto.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: E até agora.

MARINA ENTREVISTADORA: Uhum. Então, só 32 que conseguiram...

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É, que estão lá, mas isso já venderam, passaram para o outro e o pau comeu. Aí vocês vão conversando, alguém fala: “não, aqui era de fulano, aí foi para fulano”, que tem muitas pessoas que não sabem nem como surgiu essa terra, porque ele foi, comprou e foi embora.

CAROLINE ENTREVISTADORA: E a senhora lembra de alguém do governo lá de Brasília que veio, ou alguém militar, algum político?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não, de político que eu lembro...

CAROLINE ENTREVISTADORA: Que atuou de alguma forma, seja a favor de vocês ou dos fazendeiros?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não, eu só sei de Francelino Pereira. Foi Francelino Pereira, né?

THIAGO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sim.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Que foi governador?

MARINA ENTREVISTADORA: Isso.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Que ele veio, mas para construir essa ponte, inaugurar essa ponte. Agora que eu acho que eu acho que político interviu no meio, é...

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tancredo Neves.

THIAGO: Isso nos anos 80.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ah, Tancredo Neves.

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Senhor Jad~~er~~, ele deve ter ainda, ele morreu, mas a família deve ter, ele tem recorte de jornal ele com o Tancredo, eu contou, aqui eu falo porque eu já vi. Ele deve ter algum arquivo lá, a família deve ter algum arquivo lá da época do despejo.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É, porque na época que foi para sair essa fazenda aí, eu fui no ônibus também para Belo Horizonte.

~~GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~: Exato, você ficaram na disse que era a Fetaemg, né?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É. Foi no Palácio da Liberdade, lá em Belo Horizonte.

~~MARINA ENTREVISTADORA~~: Para conversar com o Tancredo.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É, para conversar com o Tancredo.

~~THIAGO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~: Quem conta essa história mesmo, que levou o ônibus com um tanto de gente?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É, levou um monte de gente.

~~THIAGO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~: Sim.

~~MARINA ENTREVISTADORA~~: Mas o que a senhora acha, que o Tancredo ajudou a resolver?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não, é um trem aí que eu não sei, que eu fui representando as mulheres de Verdelândia, fui eu e Dona Zuína Jesuína.

~~THIAGO ENTREVISTADOR~~: E a senhora não fala Cachoeirinhas, não, a senhora sempre fala Verdelândia?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É, nós falamos, porque depois que emancipou, passou a município, município, teve plebiscito e passou a ser cidade, então eles mudaram o nome, porque o nome daqui de Cachoeirinhas é porque nessa, onde tem essa barragem, aí era uma cachoeira. Agora, o que é que o homem faz? Era uma cachoeira importante, mas como o povo não sabia e nem valorizava, deixou acabar, aí parece que as coisas quando destrói a vida do ser humano, parece que vem um castigo no mMunicípio, na cidade, sei lá. Que esse rio até secar, secou. Esse rio é um rio verde grande. Daí, eu cheguei aqui em 60, dia 21 de julho de 1960, não esqueço. Eu estava com 19 anos. Eles me deu passagem, ele não dava passagem que ele era um rio verde grande, né.

~~MARINA ENTREVISTADORA~~: De tanta água que tinha?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: De tanta água que tinha.

~~GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~: Tinha uma balsa, né?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Aí tinha uma balsa velha aí, por isso era uma cachoeira que de longe você escutava o barulho da água caindo nas pedras. Depois passou o tempo, eu não sei, ela foi perdendo aquele movimento do barulho da água, foi quando eles fizeram no mesmo rumo daquela barragem que está lá, com os edifícios construídos.

~~GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~: Esse rio em vários locais eles têm essas cascatas assim, aquelas pedreiras no rio mais alto, mais baixo.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Tem. Daqui, se você pegar rio arriba aí.

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ainda acha.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Acha.

MARINA ENTREVISTADORA: Aí foi depois que fizeram a barragem que o rio...

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É o rio acabou, morreu, veio essa planta aquática e tomou conta dele. É complicado. A gente... eu já participei de reunião com o meio ambiente aí anda com as pernas meio doente, e minha língua fala demais e eu falo muito, já falei, porque, né, os políticos deveriam, né, tomar atitude, fazer alguma coisa para não deixar ele perder a beleza que esse rio tinha.

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Peixe, né?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Peixe a vontade. Você podia botar a panela no fogo, esperar lá que você ia pegar um peixe. Pegava ou uma traíra, ou um bagre, ou um... Como é que chama aquele bicho que ferroa a gente?

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mandim?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Mandim.

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mandim é Bagre é a mesma coisa na verdade, né.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não, são duas naturezas, um é... Eles são irmãos, mas um é diferente do outro.

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eles é primos são primos.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É, parece que sim.

MARINA ENTREVISTADORA: E aí depois que...

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Mas você não vai plantar arroz, não, né?

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não está chovendo.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: mas às vezes onde ela mora... (Trecho incompreensível).

MARINA ENTREVISTADORA: E como é que vocês conseguiram sobreviver aqui, né, que vocês já não tinham mais terras?

THIAGO ENTREVISTADOR: O seu marido tinha, na verdade, uma outra terra, né? O pai do seu marido é que ficou no despejo...

MARIA DE JESUS DIAS REIS: O meu pai tinha terra...

THIAGO ENTREVISTADOR: O seu pai ?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É, comprou um lote na mão dos outros, que ele disse que era terra devoluta, e o meu marido também é de Porteirinha, chegou... E também apossou aí também, não sei como, eu não sei falar o detalhe deles. A gente trabalhava nisso, e disso sobrevivia. Por quê? Plantava amendoim, dava, plantava algodão, dava, mamona, sim, como nós perdemos tudo, mamona, algodão...

MARINAENTREVISTADORA: E aí vocês começaram a viver com o que?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ham?

MARINAENTREVISTADORA: Aí vocês começaram a sobreviver de que?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ué... Eu? O que eu inventei?

MARINAENTREVISTADORA: O que a senhora começou a fazer?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Eu comecei a fazer doce e vender doce, vender pastelzinho na rua, vender biscoitinho de doce...

THIAGOINTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aqui mesmo?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Aqui mesmo. Às vezes eu colocava... Tinha o pai desse seu, que eu acabei de falar, que ele já morreu há muitos anos, em maio, o José do... O Senhor Tides. Então eu botava na venda deles, porque ele era comprador de algodão, de mamona, de amendoim, ele comprava tudo quanto era troço. Aí o que ele fazia? Aí eu botava as bandejas de trem para vender lá, o povo da roça chegava e comprava.

MARINAENTREVISTADORA: Aí assim que a senhora conseguiu...

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Aí que eu fui conseguindo. Aprendi a fazer pãozinho caseiro, fazer uns biscoitos e depois foi rolando. Gente, vocês aceitam um cafezinho?

MARINAENTREVISTADORA: Não. Então a senhora depois disso nunca mais teve uma terra para plantar?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não, não... Nunca mais...~~o meu marido morreu...~~

THIAGOENTREVISTADOR: E o marido da senhora? O marido da senhora também nunca mais trabalhou com terra, não?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não. O meu marido, nós tinha essa casa tem um cômodo aí, eu não sei se você lembra. Ele trabalhou na CEMIG... Não, não falava CEMIG, não, falava era...

MARINAENTREVISTADORA: - Força e Luz Posto de luz?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: TELEMAR.

MARINAENTREVISTADORA: TELEMAR.

THIAGOENTREVISTADOR: É na telefonia que ele trabalhou.

~~GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~: Eles colocaram um posto telefônico aqui na casa dela.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É.

~~GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~: Um orelhão. Na verdade não foi orelhão, não.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não era orelhão não, um posto telefônico para...

~~MARINA ENTREVISTADORA~~: Atendia...

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Para atender à população.

~~GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~: Tinha aí e o pessoal vinha e usava o telefone e pagava uma tachinha para usar, ou para receber uma chamada também.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: E aí nós ficávamos para receber e para fazer a ligação, contada pelos minutos naquela época. E ele trabalhou muito tempo. Depois eles... Que aqui tem uns olho gordo, uns olho grande que o povo fala, o Senhor Gerônimo dos Santos, e implicou para tirar daqui e botar ali onde era (trecho incompreensível), foi outra que também entrou na (trecho incompreensível) e morreu sem receber nada, sem... Tem hora que a gente pensa e fica com dó, sabe? As pessoas tinha tanto, assim, certeza que a terra voltaria nas mãos dele, como se ele tem certeza que ele ia jantar ou como o sol ia nascer. E acabou em engano, mentira e nada aconteceu.

~~THIAGO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~: Mas teve gente que conseguiu terra, né?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É, tem muitos aí, lá que vocês vão, se vocês forem lá. Você vai levar eles lá?

~~GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~: Se eles quiserem ir, nós vai.

~~MARINA ENTREVISTADORA~~: No Senhor Pedro, né?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É, vai levar no Pedro, vai levar nas ruínas, ele sabe aonde, ainda tem Aristides, que é aqui um posseiro também.

~~CAROLINE ENTREVISTADORA~~: Se não der, a gente pode tentar amanhã também.

~~GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~: Eu acho que cês não vão dar conta, não, é muita...

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É muita coisa.

~~GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~: Apesar de que os cabeça morreram, mas tem muita gente aqui, que ele falou que tem...

MARIA DE JESUS DIAS REIS: E tem gente... Tem gente lá em Morro Preto, que demora para aí no Morro Preto, tem gente daqui que está no Mato Grosso do Sul, tem gente daqui que mora em...

MARINA ENTREVISTADORA: Foram expulsos, né, espalharam. As pessoas foram mudando.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: A gente que mora... Uma vez saiu uma verba para dar a esses posseiros, porque eles ficaram em uma situação muito difícil. Esse Padre José Silveira dos Anjos, que eu não canso de relatar, ele trazia roupa para dar a esse povo para vestir, forro de cama, roupa mesmo, ele trazia, não sei onde é que ele angariava esse trem. achava ~~(trecho incompreensível)~~.

CAROLINE ENTREVISTADORA: Esse padre então que ajudou depois do despejo, antes dos anos 80.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Depois do despejo ele ficou ajudando, porque antes ele já ajudava com a, tinha essa tal de maleita Marieta aqui, que sofria demais do povo. Então o que que ele fazia? Ele trazia alimento para o povo, trazia remédio, o meu marido é que ficava lendo as bula para dar remédio ao povo.

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Deixa eu perguntar uma coisa para a senhora, só por curiosidade, apesar de que a gente está na família e tudo assim e tal. Mas por que que chamavam o esposo da senhora de Zé do Padre? Por que chamavam ele...

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Simples, uma coisa simples. Porque ele, essa igreja, quem construiu foi ele. Entendeu? Então toda a obra dela foi passada pelas mãos dele, de fazer o alicerce até, hoje era o ponto que ela está.

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então, é por isso. Porque ele tem um nome...

MARINA ENTREVISTADORA: E aí a senhora ficou conhecida como Maria do Zé do Padre?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É, ninguém sabe, só falava Maria do Zé do Padre. Se falar Maria, ninguém sabe quem é Maria.

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Maria tem muitas, né?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Maria tem várias.

MARINA ENTREVISTADORA: Ficou do Zé do Padre.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Maria do Zé do Padre.

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Marido dela tinha esse nome...isso...

CAROLINE ENTREVISTADORA: E esse padre, ele sofreu alguma coisa, alguma violência?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Sofreu. Ele deu água nos pulmões, nas pleuras, ele operou nove vezes.

CAROLINE ENTREVISTADORA: Mas quando ele estava defendendo vocês, ele sofreu alguma coisa, alguma ameaça dos coronéis?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ah! Eu não sei se ele sofreu alguma ameaça, que ele não falava, né. Porque ele era jesuíta, e ~~Jesusita~~ jesuíta sempre é uns padres que sempre, eles é muito reservado, eles não é de conversar.

THIAGO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A senhora lembra de quando teve o despejo, estava tendo uma ação, uma missão aqui? A senhora lembra disso?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Lembro, eu lembro.

THIAGO ENTREVISTADOR: O bispo estava aí, estava o Padre Henrique aí.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não...

THIAGO ENTREVISTADOR: O Padre Henrique, a senhora não lembra dele, não?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não.

THIAGO: Um espanhol.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Porque missão, o senhor sabe, né?

THIAGO ENTREVISTADOR: Sim.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Eu lembro do bispo.

THIAGO ENTREVISTADOR: Ele veio para batizar, casar o pessoal?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Justamente, na época tinha uma missão e o povo estava corrido para o Rio de Jjá... Entendeu?

THIAGO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Exatamente.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Estava o povinho aí, porque não tinha rua, então eles empostemou aí nas encostas, que aqui era uma manga empolgada, ali tinha uma cancela, mas então eles veio fazer uma missão. Na época, o povo tava, assim, com umas panelinhas cozinhando feijão catador, que eu não sei se vocês conhecem, que eles falam feijão de corda, esse que o povo gosta negócio de fazer farofa. O que eles foram panhar, e eles, para apanhar, eles ainda iam de noite roubar esse feijãozinho, se você quer saber. É uma longa história muito sofrida e eu não sei contar, nem começar e nem terminar, eu não sei, na minha cabeça eu não lembro. Só lembro... Aí eu sei que é nessa época, o bispo Dom José Alves Trindade, que era o bispo, e veio esses padres redentorista, né, fazer essa missão. Chegou aqui e achou o flagelo. Ele, até que o meu pai, que fez um palco de... Pegou umas madeiras e fez assim, para eles subir

para poder falar, mas foi pouca gente, o povo tudo assombrado, com medo de morrer, porque já tinha matado gente e eles enfincaram um poste ali, um mourão, disse que era para amarrar os posseiros, então o povo ficou assim, amedrontado, ficava mais mulher, os homens, ó...

THIAGOENTREVISTADOR: E chegou a amarrar alguém mesmo?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Amarrar eu não sei se eles amarraram, não, mas bater eles bateram demais em gente aqui, judiou muito. E os soldados não tinha pena, não, não tinha dó, não.

THIAGOENTREVISTADOR: Era a polícia que batia?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ham?

THIAGOENTREVISTADOR: Era a polícia fardada?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Era a polícia fardada.

ENTREVISTADORCAROLINEA: E tinha militar?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Era, acho que era militar, que era de Montes Claros.

GENILDOINTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É isso, e o pessoal conta aquela história...

MARINAENTREVISTADORA: Do coronel...

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ele que era o comandante. Ele que mandou...

GENILDOINTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na verdade, ele trouxe esse policiamento para expulsar o pessoal, ele usou a autoridade dele, o poder dele para...

MARIA DE JESUS DIAS REIS: O padre é esse...

THIAGOENTREVISTADOR: Ele tomou duas frentes, ele era tanto o comandante como o advogado do pessoal.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Era o advogado que ajudava, aliviou, assim... Amenizou mais um pouquinho, né?

THIAGOENTREVISTADOR: Sim.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Mas o povo sofreu muito, mesmo assim o povo sofreu.

MARINAENTREVISTADORA: E a população mais nova da cidade que não participou do despejo...

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Não.

MARINAENTREVISTADORA: É contada essa história para eles?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Ah, muitos às vezes vêm até aqui, mas esses meninos de hoje, eles não...

THIAGO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A senhora já deu entrevista, já, para outras pessoas também?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Como?

THIAGO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A senhora já deu a entrevista para outras pessoas?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Já. O que eu estou falando aqui já falei para vários, a mesma coisa.

THIAGO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Imaginei. Mas, os meninos agora não sabem nãoada?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Agora, só que os meninos de escola não passam a saber, os professores também ensinam e eles não incentivam as pessoas a saber a origem, só quer saber como foi criada a Igreja Santana, quem foi o primeiro padre... Quem é nós pra falar? É o que eu falo, o primeiro padre, não sei. Aqui passou franciscano, passou Jesuíta, passa e diocesano, já passou esses italiano. O derradeiro italiano que passou e mora hoje em Janaúba. Quando eu cheguei para aqui, falou que tinha um padre italiano e foi embora daqui, mas quem já ficou atuando e que nós já conheceumes foi o Padre José, esse padre que sempre deu a vida por Cachoeirinhas, e é menos nem lembrado.

MARINA ENTREVISTADORA: É isso.

THIAGO ENTREVISTADOR: É isso.

MARINA ENTREVISTADORA: Obrigada, Dona Maria, obrigada.

CAROLINE: Se lembrar de mais alguma coisa que queira contar para a gente.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: É complicado. Se é o meu marido... O meu marido era igual um gravador. O que passasse...

CAROLINE ENTREVISTADORA: Que a gente não está com pressa, não.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Vocês não quer um cafezinho, quer não?

CAROLINE ENTREVISTADORA: Não, obrigada, viu. Qual o seu nome todo?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Maria Dias Reis.

MARINA ENTREVISTADORA: Dias?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Dias.

MARINA ENTREVISTADORA: E quantos anos a senhora tem?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Eu tenho 78.

CAROLINE ENTREVISTADORA: Nasceu em que data?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Eu nasci em Porteirinha, 15/08/1938. É isso mesmo, não é?

GENILDO INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 15 de agosto.

CAROLINE ENTREVISTADORA: E a gente pode utilizar esse depoimento, a senhora autoriza?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Como que é?

MARINA ENTREVISTADORA: A senhora autoriza a gente usar o que você falou para a nossa pesquisa?

MARIA DE JESUS DIAS REIS: Autorizo. Não, pode falar. Tudo que eu falei, as falas todas são verdades. Porque eu vou fugir mentir? Não é? O que eu falei, se quiser, ela está aí, foi para mim ouvir a minha voz, não tem problema.

MARINA ENTREVISTADORA: Está bom. Obrigada, Dona Maria.

CAROLINE: Muito obrigada, viu, ~~meu amor~~.

THIAGO: Obrigado.

MARIA DE JESUS DIAS REIS: De nada. ~~Obrigada vocês~~.